

EM BUSCA DE UM MUNDO PERDIDO

por

José Alberto Sardinha

É hoje realmente fácil fazer pesquisa etnomusical entre nós: existem já obras, assim literárias como discográficas, que suficientemente descrevem o panorama músico-instrumental do país e minimamente caracterizam as suas várias regiões. O mesmo não acontecia, porém, em 1960, quando a Fundação Caloute Gulbenkian convidou Ernesto Veiga de Oliveira para realizar um levantamento e recolha dos principais instrumentos musicais populares portugueses.

Por essa altura, não havia qualquer estudo sobre a nossa organologia popular, apenas se não dizendo que a matéria estava virgem por existirem alguns, poucos, trabalhos ou artigos sobre este ou aquele instrumento em particular. Quanto à música tradicional em geral, a maioria dos estudos publicados referia-se apenas a limitadas regiões do território, a temas restritos ou lateralmente conexos, enfermado alguns deles de critérios de avaliação e selecção susceptíveis de dúvidas, o que, tudo somado, tornava as poucas informações disponíveis numa teia difícil de destrinçar.

Não obstante, Ernesto V. de Oliveira aceitou o desafio que lhe era proposto e abraçou esta nova tarefa com a mesma paixão e rigor que sempre colocou no estudo do Homem Português, da sua condição e herança social.

Começou por estudar toda a bibliografia existente, analisando-a profunda e criticamente, e dela retirou todos os dados que de interesse lhe pareciam. Elaborou assim um resumo de todas as questões ligadas ao tema, quer sob a perspectiva teórica, quer sobretudo de ordem prática, relacionadas com elementos ou informações de campo, indispensáveis à investigação a que se propunha.

Assim organizado o recenseio das informações disponíveis, havia que actualizá-las, para o que foi enviado um inquérito em forma de circular a todos os párocos e professores das zonas rurais, em cujas respostas se depositava

grande esperança. Não obstante terem sido em número elevado para este tipo de contactos, não se revelaram tais respostas, porém, clarificadoras. Dispersivas umas, incongruentes outras, quase todas referiam a existência de grande número de instrumentos, sem coerência ou sentido que os integrasse no viver do povo local e que os tornasse, por isso mesmo, características desse viver.

Na falta destas referências, essenciais para uma perfeita integração do instrumental no ambiente social e musical que o gerou e justifica, as informações existentes continuavam sendo uma floresta sem nexos, sem orientação, sem fio condutor.

E assim, chegada a altura do trabalho de campo, a dúvida permanecia: o que procurar e por onde começar? Ernesto V. de Oliveira e o seu inseparável companheiro de investigação Benjamim Enes Pereira, ainda perdidos no mar de incógnitas que eram as informações recenseadas, começaram por contactar alguns dos párocos que haviam respondido ao inquérito e foi justamente depois de visitarem um deles, na Ribeira-Lima, que, indo até à taberna da aldeia, em procura do chefe dos bombos locais, descobriam o mundo fabuloso dos Zés-Pereiras, com todo o sortilégio, a intensidade e a emoção da sua força lúdica.

Acompanhando e explorando esse fenómeno, todo um novo horizonte, nas suas próprias palavras, lhes foi aberto e optaram então pelo rumo definitivo que haveria de nortear toda a sua riquíssima investigação: procurar em cada região, nas suas festas, feiras, romarias, em geral, nos seus hábitos sociais e costumes, as formas musicais que com eles andavam ligadas e o respectivo instrumental. Estabelecida a relação entre as principais manifestações e acontecimentos, religiosos, profanos, cerimoniais ou simplesmente lúdicos de cada região e as formas músico-instrumentais que nelas ocorrem, ficariam estas formas situadas e definidas como sendo as características dessa região.

Porque, mais importante do que inventariar quantos instrumentos houvesse por esse país fora e amontoá-los sem critério, a ideia que presidiu à recolha e estudo dos instrumentos musicais populares portugueses foi a de caracterizar cada região, captar-lhe os costumes, as vivências, as manifestações religiosas, os simples tempos de lazer ou de folguedo, e assinalar quais os instrumentos que acompanhavam o homem nesses momentos do seu viver comunitário.

E foi assim que decidiram calcorrear o país de norte a sul, visitando e vivendo as romarias, as feiras, as simples festas e costumes de aldeia, no afã de conhecerem e estudarem as genuínas tradições do nosso povo e os instrumentos com elas relacionados.

Conheceram os tamborileiros e gaiteiros mirandeses, as interessantís-

simas Festas dos Rapazes, o seu cerimonial, as danças dos pauliteiros; assistiram à Senhora do Almurtão, com os cortejos e «ranchos» dando as voltas sacramentais à capela e dirigindo à Santa o impressionante cumprimento musical ao adufe; subiram ao S. João de Arga, onde se deixaram penetrar da pureza a aroma dos ares, dos trajos e da música, da força da religiosidade popular; acompanharam os Zés-Pereiras de Entre-Douro-e-Minho e os gaiteros de Condeixa pelas arruadas e pelas festas; foram ao Castelejo, à Santa Luzia, ver os bombos irrompendo pelo arraial e tocando até as mãos sangrarem; assistiram às festas da raia alentejana, com o tamborileiro nas alvoradas e nas procissões; viveram o S. João em Rio de Onor, com os bailes à gaita-de-foles; percorreram a Beira Baixa conhecendo as melhores tocadoras e construtores de adufes, na Senhora da Póvoa, no Rosmanihal, em Idanha-a-Nova, em Penha Garcia, em Monsanto; fizeram conhecimento com a viola canpaniça e também com a viola beiroa e a toeira, instrumentos de arcaíssima matriz que conseguiram localizar e descobrir, com os últimos tocadores; acompanharam os círios estremenhos, de Torres Vedras, Sintra, Loures, Montijo, com o gaitero nos peditórios e nos cortejos processionais; correram as romarias minhotas e andaram com as ruskas, de festa em festa, de arraial em arraial; enfim, atravessaram o país de lés a lés, numa aventura fascinante pelo mundo ignoto da ruralidade, pelo interior da alma portuguesa, pelo fundo mais humano e verdadeiro da nossa cultura.

O resultado foi um imenso acervo de dados etnográficos, a par de uma inigualável riqueza de vivências humanas. Depois, terminada a fase de investigação no terreno, que Ernesto V. de Oliveira considerava fundamental — imprescindível — na investigação etnológica, passou ao tratamento dos dados colhidos, ao trabalho de síntese e à elaboração do texto daquele que viria a ser o importante estudo sobre a nossa organologia popular: «Instrumentos musicais populares portugueses» (Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1966; 2ª. edição em 1982).

E se a fase de inquérito e recolha no campo, continuamente realizada entre 1960 e 1962, foi um trabalho apaixonado, persistente e rigoroso, o labor teórico e a elaboração literária que se seguiram não ficam atrás em cuidado, sabedoria, profundidade e inteligência. A vastidão da bibliografia, nacional como estrangeira, estudada e aplicada pelo autor impressiona pelo método de análise e investigação no texto, bem como pela correcção da interpretação que lhe é dada, só encontra paralelo na imensidade de informações etnográfico-musicais que ao longo do livro se patenteia, as quais são o fruto directo da aturada e profícua pesquisa no terreno. Se a isto juntarmos uma inventariação metódica e sistemática, por províncias e regiões, dos instrumentos recolhidos,

com a respectiva contextualização musical e social geral, para além de um constante aprofundamento histórico da matéria, não hesitaremos em considerar esta obra um verdadeiro marco na etnomusicologia portuguesa. Se bem que nominalmente limitada ao instrumental, largamente, na verdade, ultrapassa esse âmbito, para mergulhar, com a naturalidade e sageza próprias do autor, na temática mais geral da musicologia popular.

Da observação dos factos e dados que colheu no terreno, Ernesto V. de Oliveira levantou hipóteses e, após o seu estudo comparativo de região para região, retirou conclusões e organizou um esquema explicativo do panorama músico-instrumental do país, que assim resumimos: no litoral a norte do Tejo, de terras baixas e populosas, onde prevalecem as formas musicais mais simples e alegres, o instrumental é predominantemente constituído pelos cordofones (violas, violões, cavaquinhos, guitarras, rabecas); passada a linha montanhosa que, do Gerês a norte, se estende até à Estrela, nas terras do interior, mais isoladas e de gentes menos expansivas, predominam as formas musicais mais arcaicas e, com elas, os instrumentos do ciclo pastoril (gaitas-de-foles, tambores, flautas, palheta, pandeiros e adufes). Quando ao Alentejo, seguiria sensivelmente as características destas terras do Leste, ao passo que o Algarve as características do litoral noroeste.

As excepções a esta regra explicar-se-iam pelo carácter local que assumem, contrário ao ambiente geral em que ocorrem, v.g. a função cerimonial da gaita-de-foles nas terras do litoral, ou a raridade, também cerimonial, da viola em terras de Beira Baixa.

Não cabe aqui desenvolver esta tese geográfico-instrumental, decorrente aliás de uma perspectiva notoriamente mesológica. Cumpre-nos tão somente salientar a sua importância para o conhecimento, inventariação e distribuição do instrumental popular pelas diferentes províncias, conforme as preferências, gostos e «ethos» musical de cada uma delas, o que — deve realçar-se — foi feito pela primeira vez em Portugal.

Claro está que é hoje já viável avançar algo mais no estudo de alguns desses instrumentos, mas tais avanços, aliás só possíveis a partir da obra de Ernesto V. de Oliveira, não apagarão a valia incomensurável do seu trabalho pioneiro, nem invalidam o mérito do seu monumental estudo sobre a organologia popular portuguesa. Nunca é demais lembrar, outrossim, que o objectivo era caracterizar instrumentalmente um país inteiro, tarefa de proporções ciclópicas e de elaboração necessariamente genérica.

Acresce que, através do esquema explicativo que traçou, Ernesto V. de Oliveira conseguiu uma felicíssima sistematização da ideia que presidiu, como dissemos, à investigação de campo e que ele considerava fundamental: a

conexão que permanentemente estabelece entre os instrumentos músicos que predominam em cada uma das regiões e o ambiente musical e social em que ocorrem, ou seja, os hábitos e costumes, a maneira de ser, de sentir e de viver das respectivas gentes. Esta inserção da música e seus instrumentos no contexto social e humano de cada região é matéria inovadora e única na investigação etnomusical portuguesa, pelo que também aqui (íamos a dizer sobretudo aqui) a obra de Ernesto V. de Oliveira sobre o instrumental popular português permanecerá fundamental.

Uma outra contribuição de relevo do seu trabalho é, a par da delimitação geográfica dos instrumentos populares, a localização de alguns espécimes únicos, já então ameaçados de extinguir-se: referimo-nos nomeadamente à viola beiroa e à viola toeira, de que colheu os últimos testemunhos, bem como à viola campaniça, todos eles de arcaíssima matriz, cuja divulgação lhe devemos.

Temos vindo a mencionar apenas o estudo «Instrumentos musicais populares», mas é bom não esquecer que a investigação de Ernesto V. de Oliveira e Benjamim Pereira se não limitou ao continente. Ainda na sequência do trabalho de campo realizado no início da década de sessenta, estiveram nos Açores durante três meses efectuando o levantamento músico-instrumental do arquipélago, de que só muito mais tarde, em 1986, foi publicado o trabalho, igualmente notável «Instrumentos musicais populares dos Açores» (Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1986).

Além destes estudos gerais, deixou-nos Ernesto V. de Oliveira algumas monografias dignas de realce, pelo seu inegável interesse: «Alguns aspectos etno-musicais do Baixo Alentejo: I. O tamborileiro alentejano; II. A viola campaniça»; «A sanfona, um instrumento esquecido»; «O Zé Pereira»; e «Violas portuguesas».

Dissemos acima que o imenso acervo de dados etnográficos que Ernesto V. de Oliveira e Benjamim Pereira colheram e registaram nas suas expedições de campo só é comparável à extrema riqueza dos contactos humanos que estabeleceram. É bem verdade, e, se aqueles deram origem a uma obra fundamental na etnomusicologia portuguesa, estes davam para escrever um outro livro, que eternizasse os tipos populares encontrados, os sucessos pessoais da investigação, a paisagem humana encontrada por esse Portugal fora, sempre tão vária, mas tão calorosa e afectiva, as gentes do campo, que vertem na música tanto dos seus sentimentos, a alegria e a tristeza, o amor e o padecimento, o sagrado e o profano, a vida e a morte.

A marca desta apaixonante aventura humana, ao mesmo tempo que digressão científica, permaneceu indelével no espírito dos dois investigadores,

que sempre recordaram com entusiasmo os progressos e recuos da pesquisa, o entusiasmo duma descoberta, a tristeza duma decepção, as pessoas conhecidas, as amizades criadas, enfim a alegria de um trabalho sério e realizador. Lembremos com saudade o brilho e a vivacidade que enchiam os olhos do Dr. Ernesto Veiga de Oliveira quando recordava todos esses sucessos, desde uma descoberta importante, a uma simples curiosidade, ou a um episódio marcante, como por exemplo, a emoção que o possuiria ao avistar pela primeira vez, em cima de um armário, em casa do tamborileiro mirandês Virgílio Cristal, o velho tamboril com a «patine» dos anos e a carga da antiguidade e da tradição.

Foi aliás com este Virgílio Cristal que se passou um episódio digno de realce, para se avaliar do empenhamento e envolvimento pessoal e humano que Ernesto V. de Oliveira colocava na investigação e das inúmeras e fortes amizades que grangeou junto daqueles que eram, afinal, objecto dessa mesma investigação. Foi o caso de se ter organizado, no decurso e no final do trabalho de campo, duas exposições dos instrumentos até então recolhidos e dois concertos de instrumentistas populares, o primeiro em 1962 e o segundo em 1964. Aconteceu que, tendo participado, aliás com imensa dignidade e brilho, no primeiro concerto, o tamborileiro objectava que não poderia aceitar o convite para o segundo por força das tarefas inadiáveis da sua lavoura. Todavia, perante a insistência, delicada mas convincente, de Ernesto V. de Oliveira, a quem o ligava profunda amizade e respeito, Virgílio Cristal acabou por exclamar, rendido: «Pronto, vou! Eu, por este senhor, era capaz de dar o sangue das minhas veias!»

«Em busca de um mundo perdido» foi o título, apropriado, que Ernesto V. de Oliveira deu a um artigo que, a nosso pedido, escreveu para uma edição especial de revista «Arte Musical», aquando da realização, em 1982, da Quinzena de Etnomusicologia, em que descrevia duma forma sumária mas empolgante a extraordinária experiência que viveu por esse Portugal fora entre 1960 e 1962, em pesquisa da memória músico-instrumental do povo português.

Tocado pelos sucessos que viveu nessa busca fantástica, impressionado com a força interior que habita o gaiteiro nortenho, ou com a loucura que se apodera dos tocadores de bombos da Beira Baixa e da Beira Litoral quando, já para além da bebedeira, continuam zurrando nos bombos, como se estivessem possessos, até fazer sangue nas mãos, ou ainda com a nostalgia com que o Tio Rebanda, de Mazouco, se despediu da sua flauta tocando uma última moda, em que concentrou uma vida inteira de pastor, mas sensibilizado também pela irreversibilidade do tempo e suas mutações e pela perda inexorável desse mundo fabuloso e autêntico, por isso que telúrico, ciente de que toda essa pesquisa fora feita «no limiar das últimas possibilidades», antes do desapareci-

mento das últimas abencerragens da tradição instrumental, Ernesto V. de Oliveira assim terminava esse artigo de 1982:

«O nosso instrumental popular está a acabar e os seus tocadores rareiam. Quem tocará ainda a bandurra beiroa e a viola campaniça, desaparecidos o tio Manuel Moreira, de Penha Garcia, e o Jorge Caranova de Santa Vitória?... E quando se for o Virgílio Cristal, quem ficará para tocar o deslumbrante tamboril e flauta em terras mirandesas?...

É bom, é mau? É a lei dos tempos, para lá do bom e do mau. Tudo isso pertenceu a um estúdio artesanal, que significou também decerto a estagnação, pobreza, injustiça; mas quando se calarem de vez esses funâmbulos iluminados — o tio Inácio e o Virgílio Cristal, o Manuel São Pedro, o Zé Peludo, o Bico de Frango, o Diogo Correia e as mulheres da Malpica, o Caranova e o Vilarinho de Covas, como se calou o Pedro Vergas da viola toeira, — e quando as alvíssaras da Páscoa ou as alvoradas dessas bárbaras festas transmontanas forem feitas por um altifalante instalado numa furgoneta que atroa os ares com ultima canção de uma vedeta de rádio, o mundo terá certamente perdido uma grande riqueza — ou melhor: a riqueza do mundo valerá muito menos a pena ser vivida.»

Depois de uma vida inteira consagrada ao estudo da cultura portuguesa, dedicada a salvar do esquecimento o legado da memória nacional, era com este realismo, expresso de uma forma lapidar, que encarava o desaparecimento das formas tradicionais de vida essa grande figura moral, humana e científica que foi Ernesto Veiga de Oliveira. A sua obra permanecerá, a sua memória e o seu exemplo não se apagarão!



Fig. 1 — José dos Reis Mendonça, tocador de palheta de Sidral, Monsanto (Idanha-a-Nova). Setembro 81.